

O ESPAÇO ESCOLAR E AS “ALFAIAS” PARA O ENSINO INICIAL DA LEITURA PELO MÉTODO PORTUGUÊS¹ DE ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO²

THE SCHOOL SPACE AND THE “TOOLS” FOR THE INITIAL TEACHING OF READING THROUGH
THE PORTUGUESE METHOD¹ BY ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO

Cesar Augusto Castro

Universidade Federal do Maranhão
ccampin.ufma@gmail.com

Carlota Boto

Universidade de São Paulo
reisboto@usp.br

Justino Magalhães

Universidade de Lisboa
justinomagalhaes@ie.ulisboa.pt

RESUMO

Este artigo objetivo analisar os espaços escolares e as alfaias para proposto por António Feliciano de Castilho para ser adotado nas escolas portuguesas e brasileiras. Para tanto, utilizamos como fonte as obras escritas pelo autor. Descrevemos, em princípio os fundamentos teóricos que orientam a compreensão sobre a temática da cultura material escolar e, em seguida, descrevemos aspectos biográficos e a circulação do seu método no país de origem e no Brasil. Por fim, analisamos os espaços e os artefatos a serem adotados nas escolas para a aplicação da sua proposta do ensino inicial leitura, da escrita e do bem falar de forma rápida e aprazível. Concluimos, que os objetos se constituíam em requisitos necessários para a aplicação e efetividade do método.

Palavras- chave: Cultura Material Escolar; Método Castilho. Ensino da Leitura.

ABSTRACT

This article aims to analyze the school spaces and implements proposed by António Feliciano de Castilho to be adopted in Portuguese and Brazilian schools. For that, we use as source the works written by the author. We describe, in principle, the theoretical foundations that guide the understanding of the theme of school material culture and, then, we describe biographical aspects and the circulation of its method in the country of origin and in Brazil. Finally, we analyze the spaces and artifacts to be adopted in schools for the application of their proposal for initial teaching of reading, writing and speaking well in a quick and pleasant way. We concluded that the objects constituted necessary requirements for the application and effectiveness of the method.

Keywords: School Material Culture; Castilho method. Reading Teaching.

1 Na literatura podemos encontrar as seguintes denominações: Leitura repentina, Método Castilho, Método Português Castilho ou Método Português.

2 Este trabalho contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Maranhão (FAPEMA). Agradecemos aos historiadores e bibliotecários do Museu João de Deus, da Biblioteca Nacional de Portugal, da Academia de Ciências de Lisboa e da Biblioteca e Arquivo Público de Ponta Delgada.

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho tratamos dos objetos da cultura material escolar recomendados para uso do Método Português de Leitura de António Feliciano de Castilho, que no Oitocentos objetivou instruir o povo, de todos os gêneros e idades, tanto em Portugal como no Brasil. A cultura material escolar como temática relacionada ao campo da História da Educação tem se constituído em um campo fértil nas investigações brasileiras e estrangeiras, que resulta em produções sobre os objetos comuns a todas as práticas pedagógicas e educativas como bancos, cadeiras, borrachas, lápis, mesas, etc (objetos presente no método de Castilho) e aquelas de caráter mais específicos, como as que atende às demandas de determinadas disciplinas escolares, dos métodos de ensino, do nível de ensino e da classe social dos alunos (CASTRO, 2013), com a finalidade de estimular, garantir e acomodar o ensino e a aprendizagem, suas estratégias de controle e regulação de um “[...] o conjunto de práticas que definem conhecimentos a ensinar e práticas a inculcar” (JULIA, 2001, p.14).

Desse modo, atribuir ao tema da cultura material escolar, uma polissemia de conceitos e caracterizações, por envolver diversas áreas do conhecimento – para além da educação e da história – como a Antropologia, a Arqueologia e a Semiótica, por exemplo (VIDAL, 2017) exige um olhar interdisciplinar do pesquisador de modo a compreender as práticas sociais para além das ideologias e das representações (CHARTIER, 1991) e uma atenção para o ambiente geográfico e o desenho arquitetônico das cidades de modo a entender o lugar ocupado pela escola e a sua construção (LAWN; GROSVENOR (2001) “[...] heterogênea e rica em matizes” (ENCICLOPÉDIA, 1989, p. 25) econômicas, sociais, técnicas e tecnológicas, ambientais e políticas, dentre outras, inseridas em perspectivas globais, regionais e locais. Assim, a cultura material escolar envolve tanto os aspectos subjetivos, constituindo uma etno-história (ESCOLANO BENITO, 2017) dos objetos (MEDA 2015), de modo a tecermos as características físicas das materialidades e suas alterações no decorrer do tempo e as possibilidades e os contra-argumentos que a cultura material escolar oferece à vida humana em uma correlação entre corpo e as suas gestualidades com os objetos e os processos de subjetivação (ESCOLANO BENITO, 2021).

É precisamente nessa perspectiva, que Antonio Feliciano de Castilho, pensa e tece o seu “revolucionário” método de ensino inicial de leitura no século XIX, influenciando o modo de ensinar e aprender em Portugal e no Brasil no Oitocentos, na medida em que, objetivava a transposição de modelos de ensino (BOTO, 2012) que se fazia representar por meio das revistas Brasil-Portugal, Revista de Instrução Pública para Portugal e Brasil e, Arquivo Pitoresco, dentre outras incursões literárias, pedagógicas e educativas destinadas aos brasileiros e portugueses. Nessas produções, os artefatos necessários para a efetivação do ensino - de Castilho, por exemplo - podem ser nomeados de artefatos escolares, alfaias, materiais escolares, objetos escolares, utensílios escolares, materiais didáticos, materiais auxiliares, recursos de ensino (SOUZA, 2007) entre outros termos que poderão ser utilizadas segundo as normas, as práticas e o seu “[...] uso em determinadas situações e condições históricas” (SOUZA, 2007, p. 177) por sujeitos que partilham do mesmo sistema educacional. Sendo assim, a cultura material é um conjunto de objetos utilizados no cotidianos diferentes ambientes de ensino, como salas de aula, laboratórios e bibliotecas, dentre outros.

Este trabalho é relevante na medida em que os estudos sobre este educador, tanto em Portugal como no Brasil, são lacunares e se centram mas nas suas atividades de literato do que pedagogo, ao conceber e pôr em prática seu método de leitura, como afirma Cunha (2014) e Albuquerque (2019),

trazendo ainda importantes contribuições para o campo da História da Educação, da História da Leitura e da Alfabetização brasileira e portuguesa, na medida em que o ensino proposto por Castilho “[...] busca romper com o velho processo de soletração e com as práticas ‘tradicionais de punição física’ como ‘atrativo’ para o aprendiz” (VIEIRA, 2017, p. 87). Portanto, Castilho, pretendia apresentar um modelo de escola livre de castigos corporais e aprazível no processo da aprendizagem pela da leitura por meio do modo simultâneo de ensino.

Por outra via, os estudos gravitam em analisar sobre o seu método sem adentrar nas diversas materialidades que o mesmo propunha para a sua adoção pelos professores de ambos países. Desse modo, este artigo possibilitará compreendermos o modo pelo qual os objetos contribuem para a adoção e apreensão de saberes e para o exercício de práticas de aprendizagem a partir de um método de ensino ; isto é, “[...] muito da produção e dos debates no século XIX ainda estão por serem descobertos pelos historiadores da educação” (CORDEIRO, 2016, p. 350), em especial, quando se trata das relações entre Brasil e Portugal, considerando o forte intercâmbio de pessoas, ideias e objetos, o que pode ser entendida como uma “história conectada” entre lá e cá, como afirma Cruz (2017).

Portanto, temos como problemática percebermos, de que maneira no Método Português de António Feliciano de Castilho, os objetos da Cultura Material Escolar como estratégia para o ensino inicial da leitura no Oitocentos em Portugal e no Brasil se faziam presentes, uma vez que, Castilho, julgava que a instrução pública, em especial, a primária, como um direito a todas as classes (principalmente as populares), gêneros e idades, deveria atender a três “pontos fundamentais que ped[iam] exame sério, decisão conscienciosa, ação forte, direta, rápida e que não vacil[asse] nem trepid[idasse] por contemplanções de espécie alguma” (CASTILHO, 1854, p. 17): mestres e escolas; métodos, modos e discípulos. Para tanto, os mestres deveriam ser habilitados para o exercício da docência via Escolas Normais; as escolas deveriam dispor de espaços físicos e materiais adequados para a aplicação dos métodos e modos de ensino aos discípulos.

Dessa forma, privilegiamos para análise, as categorias escola com seus espaços e os materiais presentes no seu interior, como mobiliários, quadros parietais, por exemplo, e os métodos de ensino, neste caso, os livros e os requisitos de uso. Ao elegermos esses dois eixos, os mestres, os modos e os discípulos se fazem presentes. Para tanto, tomamos como referência a seguintes obras castilianas: Felicidade pela Instrução (1854), Diretório para os Senhores Professores das Escolas Primárias pelo Método Castilho (1854), Ajustes de Contas com os adversários do Método Português e as edições (1ª a 5ª - 1850, 1853, 1857, 1857 e 1909) do Método Português-Castilho.

Apresentamos este texto em duas partes, além da introdução; na primeira, apresentamos António Feliciano de Castilho e a sua trajetória em Portugal e no Brasil, de modo que os leitores possam conhecer este “poeta, tradutor e pedagogo” (MAGALHÃES, 2003, p. 318), que a “História não tem sido meiga” (RILEY, p. 19); isto é, o tempo o tem colocado sobre a roda do esquecimento. Nesse sentido, Pais (2000, p. 3), relata que quando do seu bicentenário de nascimento, “As exposições foram raríssimas, as publicações, os colóquios e outros eventos comemorativos não aconteceram” em homenagem a um homem com visão e locomoção reduzida pela cegueira que lutou pela abertura de “escolas de ensino elementar e profissional. Estabelece[u] oficinas de tipografia e gravuras. Apadrinh[ou] jornais de divulgação agrícola [literários, de instrução, etc] Fund[ou] centros de vulgarização intelectual” (SAMPALIO, 1998, p. 74). Na segunda, debatemos com base em seus escritos, o seu ideário de escola e as “alfaias” para a aplicação do Método Português.

2. CASTILHO UM CEGO³ PROPAGADOR DA “FELICIDADE PELA INSTRUÇÃO”⁴

A produção científica brasileira e portuguesa no campo da educação tem dado pouca relevância a Castilho, na contramão das áreas das letras e da literatura, que por representar, com Almeida Garrett e Alexandre Herculano, “os três patriarcas do romantismo português” (FERREIRA, 1947, p. 4), tem sido objeto de estudo, mesmo por seus escritos se centrarem em poesias, romances, traduções e críticas literárias, para além do seu envolvimento com a chamada Geração de 70 e com as disputas entre intelectuais portugueses, que resultou na Questão Coimbrã (1865), como afirma Alves (2014, p. 4)

Escritor festejado, reconhecido, com mais de cinquenta anos de produção constante em diversos domínios, provocador de polémicas, alvo de crítica da geração de 70, enfim, um nome mais do que presente ao longo do século XIX português, Castilho faz jus, pelo menos, a um trabalho de leitura crítica mais atualizada e mais imparcial sobre sua obra demonstrando suas contradições, sim, *mas também sua contribuição à cultura portuguesa oitocentista, contribuição pouco ou mal conhecida através de uma perspectiva crítica canônica carregada de preconceitos a partir do olhar da geração de 70, que triunfou no debate final literário.* (ALVES, 2014, p. 4, grifo nosso).

António Feliciano de Castilho, 1º Visconde de Castilho (Lisboa, 26 de janeiro de 1800 - Lisboa, 18 de junho de 1875), foi um escritor romântico português, polemista e pedagogo que criou o Método Português de Leitura. Não entanto, muito cedo enfrenta vários problemas de saúde, como a cegueira, mas esta limitação não foi um impeditivo para se estabelecer “[...] como um dos mais esplêndidos videntes da sua geração (DEUSDADO, 1995, p. 368) e um propagador da ideia de que por meio de espaços, artefatos, métodos e modos de ensino adequados, professores capacitados o ensino da leitura e da escrita de faria em tempo rápido e aprazível.

Por alguns anos esteve em Ponta Delgada (1847 -1850), nos Açores, cuja presença marcou a vida micaelense por suas iniciativas literárias, artísticas, tipográficas e educativas, contribuindo “para o enriquecimento cultural da ilha” SILVA, 2000, p. 299), onde aplicou pela primeira vez seu método de leitura e publicara a Felicidade pela Agricultura (1849), o Tratado de Mnemónica (1851), o Tratado de metrificacão (1851) e as Noções rudimentares para uso das escolas dos amigos das letras de São Miguel (1850). Na segunda edição do seu Método Castilho para o Ensino Rápido e *Aprazível do Ler Impresso*, Manuscrito, e Numeraçãõ e do Escrever (1853), descreve o processo de criação do seu método:

Achava-me eu na ilha de S. Miguel; pertencia à Societal Promotora da Agricultura; [...] onde se criou escolas rurais de primeiras letras. Ofereci-me eu, à falta de outrem, a tentar para isso, alguma facilitação, [...] e fiquei, por minha palavra, obrigado, pelo menos a diligenciar até onde as forças me consentissem. Revolvi cardumes de cartilhas portuguesas em quase todas o mesmo fundo; isto é, coisa pouquíssima (CASTILHO, 1853a, p. XXVIII)

Para tanto, começou “[...] primeiro a ensinar a ler cada palavra inteira, depois a dividi-la em sílabas e no final, em letras; [...]” mas somente pôde concretizar a sua tentativa quando conhece o livro *Cours de Lecture*, de Mr. Lemare, que o “[...] devor[ou]; parec[endo-lhe] feliz a ideia de mnemonisar, por figuras, a forma e valor das letras; aceit[ando] em o fazer” (CASTILHO, 1853a, p. XXVIII), e quando da conclusão do alfabeto em cinquenta e duas figuras presentes em seu método, desenhadas por Manoel Monteiro que achava na ilha de São Miguel (CASTILHO, 1853a, p. XXIX-XXX). Já no ano de 1848, na Sociedade dos Amigos das Letras e Artes em São Miguel (instituição por ele criada), ao

3 Na infância foi acometido de Sarampo que o deixou cego por toda a vida.

4 Este título corresponde a obra publicada por Castilho (1853).

se inaugurarem três escolas de leitura pelo novo método e experienciar o sucesso de sua aplicação, volta a Lisboa para divulgá-lo, “Tornando a Portugal, entend[eu] dever vulgarizar incessantemente um Método, que assim andava abonado da experiência; [o imprimiu]; [e] o Conselho Superior d’Instrução Pública do reino aprovou-o para uso das escolas. (CASTILHO, 1850, p. XXXIII)”.

Em 1851, em Lisboa, abriu um curso gratuito mas ninguém se inscreveu. No ano seguinte, a Duquesa de Bragança, pediu que o aplicasse nos asilos de infância desvalida, reabrindo o curso, desta vez em sua casa com 700 inscritos e ao fim de três meses apresentou resultados positivos à sociedade lisboeta. Diante de tal sucesso, o Ministro do Reino, encarregou, Luís Filipe Leite, diretor da escola normal, de ministrar um curso regular a cem alunos da Casa Pia e o presidente do conselho, Marechal Duque de Saldanha, ordenou que os oficiais do corpo do exército a [se] habilitarem, a fim de criar escolas regimentais pelo novo método (CASTILHO, 1853b, p. XXXIV-VIII), posto que “[...] ao cabo de 63 horas, havia ensinado a ler e escrever de forma inteligível a um público muito heterogêneo” (MAGALHÃES, 2003, p. 314).

Contudo, o método recebeu inúmeras críticas, entre elas: ser cópia do método do francês Lemaire; ser uma prática em desuso em Portugal utilizar letras representadas por figuras; que as regras ortográficas em forma de verso saturavam a memória das crianças; que a decomposição através dos sons (representados pelo nome das figuras) não facilitava a soletração e nem se constituía em uma garantia de redução do tempo no processo de aprendizagem; que era oneroso pela quantidade de alfaias requeridas para a sua aplicação. Nessa esteira de julgamentos e críticas, publica *Ajuste de Contas com os Adversários do Método Português* (1854) para rebatê-las

Segundo Villela, Chagas e Dias (2021, p. 8) nesta obra:

Castilho retoma a palavra, discorda desses ataques e faz sua defesa lembrando que desde que o método apareceu sempre se preocupou em aperfeiçoá-lo a partir das observações e conselhos de algumas pessoas; que os resultados atestavam a eficiência e que seus detratores nunca provaram suas afirmações. Ratifica sua lógica da divisão do período em palavras, à da divisão da palavra em sílabas e consequente a decomposição das sílabas. Justifica as vantagens da leitura auricular e defende a simplificação da ortografia.

Com a proposta de divulgar o seu Método, além-mar, Castilho veio ao Brasil em 1865, onde abriu salas de aula, proferiu palestras e conversou com professores, sendo acolhido em algumas localidades como nas províncias da Bahia e Pernambuco, e rechaçado em Alagoas e Goiás, por exemplo, como afirma Albuquerque (2019, p.129).

A rejeição de António Castilho em solo brasileiro na literatura alagoana de João Craveira Costa deu-se por embates políticos e nacionalistas entre os que defendiam a forma tradicional de entender o processo educativo [...] e os defensores da nova forma de ver a criança como um ser ativo, capaz de interagir com os pais e professores.

Ao contrário de Alagoas, na Província da Bahia, de acordo com a pesquisa de Villela, Chagas e Dias (2021, p. 56)

[...] encontra-se uma clara menção ao método Castilho, em 1854, quando o presidente João Maurício Wanderley sugeriu à Assembleia que custeasse uma viagem a Portugal a algum ‘hábil’ professor que pudesse estudá-lo: ‘Tenho lido o que se tem publicado a respeito e creio que o método é uma verdade comprovada’ (Moacyr, 1939). Ao que tudo indica o livro de Castilho foi divulgado nesse período pois, no ano seguinte, indicava o professor Philippe José Alberto para frequentar aulas com o próprio Castilho que viera dar no Rio de Janeiro.

Apesar de todas as críticas em Portugal e no Brasil ao Método Castilho, é preciso reconhecermos o seu lugar como pedagogo e, principalmente como criador de um método para o ensino inicial da leitura que procurava colocar a escola como espaço de “formação emocional” (ESCOLANO BENITO, 2021) e o aluno como centro convergente a quem e para quem todos os objetos da cultura material se faziam presentes e necessários para o êxito nas aprendizagens entre o ato de ler, o ato de escrever e o ato do bem falar. Portanto, entendemos que “Revistar hoje a obra pedagógica de Castilho é tomar contato com algumas das principais marcas de um magistério [...]” (MAGALHÃES, 2003, p. 198), presente no século XIX e como a cultura material escolar nos permite compreender a armaduras estruturais adotadas para a formação de pessoas via práticas do ensino inicial da leitura, os registros visuais e etnográficos - letras, números, símbolos, etc - e as diferentes maneiras de aplicação de métodos e modos de ensino.

3. OS ESPAÇOS E AS ALFAIAS PARA A MÉTODO CASTILHO

Em 1850, Castilho publica o seu método destinado ao ensino inicial da leitura com maior rapidez e de forma aprazível, por meio de marchas, divertimentos ou “jogos infantis destinados à aquisição e consolidação do alfabeto, preconiza[ndo] o canto como elemento educativo essencial, e por último, concretiza, em desenhos adequados a árida abstração dos símbolos gráficos do abecedário” (COELHO, 1898, p. 62). Destarte, se inicia em Portugal um “novo modelo” de escola e de ensino da leitura e da alfabetização que se contrapunha ao “modelo velho em que predominava os castigos e a tortura (CASTILHO, 1853b p. 12).

Nesse sentido, segundo Coelho (1898, p. 62), a proposta de leitura de Castilho aproximava-se à de Fröebel, na medida em que, ambos consideravam a escola como um local de alegria, de expressão dos movimentos infantis e com variedades de atividades lúdicas a serem oferecidas aos alunos. Entretanto, o Método de Castilho, ao contrário de Fröebel com grande aceitação na Alemanha, não teve em Portugal a mesma receptividade, posto que;

[...] nós os ignorantes, e inconscientes e irrefletidos, destruímos quanto havia de sólido na iniciativa castilhana, e, constantemente, arrastados por essa imbecilidade que leva até a beira do abismo a nossa infeliz nacionalidade, deixamos vegetar, na sua eterna miséria, a desgraçada escola primária portuguesa, pobre, desprotegida, odiada até pela infame oligarquia que nos asfixia. Por isso, enquanto outros povos altivos e pujantes, dominam o mundo o contemplam diante de si um largo e esperançoso futuro, nós somos vilipendiados, escarnecidos e desprezados (COELHO, 1898, p. 63) (grifo nosso).

Para este autor, apesar de os equívocos cometidos por Castilho na elaboração do seu método de leitura, como a “concepção acanhada da escola primária, [...], a introdução da versificação e da taquigrafia, que era um disparate [...], a mistura das letras maiúsculas e minúsculas, apesar disso o Método Português [é] dos seus maiores títulos de glória” (COELHO, 1898, p.70- 71). Assim, Castilho, como Conselheiro Geral da Instrução Pública do Método Português no Reino e nas Ilhas, cargo que assume a partir de 1853 por determinação real, encaminha carta aos Governadores Gerais, afirmando que bons mestres e bons métodos, como o que propunha, não eram suficientes, já que eram] precisos “casas acomodadas, para o ensino, dos utensílios, alfaias e livros” (CASTILHO, 1854) como detalha no Diretório para os senhores professores das escolas primárias pelo Método Português (1854), obra sugerida por António da Costa para servir como “roteiro” aos docentes para ser adotada e aplicada. Nesse livro, inicia apresentando as alfaias para a adoção do Método Português,

dividindo-as entre necessárias e úteis. No primeiro grupo, elenca os mobiliários, os quadros parietais, os objetos da escrita e leitura; no segundo, o compensador mecânico ou metrômetro e o mississippi ou leitura contínua, conforme demostramos no seguinte abaixo:

Quadro 1: Alfaias necessárias e úteis para a adoção do Método Português (1854)

Alfaias úteis	Quantidade	Valor	Alfaias necessárias	Quantidade	Valor
Compassador Mecânico	01		Estrado	01	-
Caixa de Madeira para guardar os objetos da escola	01		Coleção de Mnemorização	44	1\$000rs
Mississípi	01	Poderia ser feito por um carpiteiro	Quadro Preto	01	
Contador	01		Giz	01	
			Vara	01	
			Espanja	01	
			Exemplo do Método	01	240rs
			Resenha alfabética	240 rs	
			Exemplar do IDiretório	01	60rs
			Papéis Vidros com esponja e lápis	01 para cada aluno	240rs
			Tinteiros	1 para cada aluno	
			Translados para o papel vidro	1 para cada aluno	Preço mínimo
			Papel Comum	-	-
			Penas	1 para cada aluno	
			Livrinhos	Quantos precisam para a leitura dos alunos	20 ou 10 rs
			Exemplar do Livro de Leitra Manuscrita de Luis Felipe Lieite	-	-
			Contador Mecânico	-	Sem luxo poderia ser mais em conta.

Fonte: Elaborada com base no Diretório e 3ª e 4ª edições do Método Português

Para a adoção e uso adequado dessas alfaias, o ambiente escolar deveria dispor de todos os recursos materiais para que os mestres e os alunos pudessem exercer com “felicidade” a arte de ler, escrever e contar. Para tanto, a escola precisava ser arejada, com espaços amplos e claros e dispor de todo um conjunto de artefatos como livros, cadeiras, bancos, estrados, mesas, etc, “e um terreiro ou pátio com suas sombras verdes para esparecimento dos alunos, e, nos dias formosos, até para ali se darem lições. (CASTILHO, 1854a, p. 13), se incluindo e cômodos para os mestres, de modo que assim pudessem praticar o seu método aprazível de leitura. Nesse ambiente a escola, seria humana, hospedeira e convidativa, ao contrário das residências ou casas alugadas pelos professores com seus poucos recursos para instalarem salas de aula.

Para tanto, propõe Castilho, que naquelas localidades onde não haveriam meios para a construção de edifícios destinados às escolas, poderiam as autoridades administrativas recorrerem às loterias e aos impostos sobre as obras traduzidas do francês e às multas cobradas aos pais que não enviassem os filhos à escola. (CASTILHO, 1854a, p. 30)

Nesse sentido, Castilho (1854a, p. 29) defendia um ambiente escolar iluminado, ventilado e capaz de proporcionar a recreação, os exercícios físicos e as práticas agrícolas, bem diferente do comumente observado à época, “uma enxovia, apertada, mal situada, sem luz, sem requisito algum dos que exigem a higiene, a humanidade, e o interesse do ensino” (CASTILHO, 1854a, p. 29). Para tanto,

[...] no início da década de 1850, exprime a intenção de fundar escolas ‘muito belas’, pelo que encomenda ao francês Pedro José Peserat, engenheiro da Câmara Municipal de Lisboa, o projeto dessas edificações. No decurso do ano de 1852, Pedro José Peserat deu seguimento à vontade do pedagogo, embora projetasse apenas uma “bela sala-escola”, com disposição em anfiteatro e capacidade para 1000 alunos (Castilho, 1933). O projeto, remetido por Castilho ao Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas, acabou por não ser executado, sendo, porém, de realçar os cuidados estéticos nele envolvidos (Castilho, 1933) [...]. É, sobretudo, em 1854, num texto pedagógico fundamental (Felicidade pela Instrução), que Castilho se dedica com mais detalhe à temática do edifício escolar. (SILVA, 2004, p. 178-179)

Portanto, para Castilho, as escolas deveriam funcionar em casas adequadas, sem luxo, mas com espaços claros, amplos e com mobília e alfaias de modo que a aprendizagem e o exercício da docência pudessem ocorrer de forma que os alunos aprendessem de forma prazerosa e aprazível, por meio e historietas e cânticos sem sofrimento físico ou mental e de forma simultânea. Nesse ambiente,

O professor ocupa o *estrado*, tendo de estar à vista a vigiar e quase sempre em ação. Os matriculados, que já *começaram a ler*, estão *rigorosamente separados e ocupam os bancos últimos*. Os que *não conheciam as letras sentem-se nos primeiros*. Os que *só as conheciam, ou pouco mais, formam o centro*. Havendo *discípulos dos dois sexos na mesma sala, completa separação dos rapazes e das raparigas* [...]. No meio de cada banco, estará um dos discípulos, escolhido pelas suas boas qualidades, para cargo dos discípulos-vigias (CASTILHO, 1853a, p. 125-126) (grifo nosso)

Assim, é possível afirmarmos que a cultura material escolar é intrínseca à forma de ensinar/aprender e que as escolas deveriam dispor de meios adequados para que professores e alunos “efetivamente aprendem[ssem] o método português de leitura” (BOTO, 2016, p. 268). Sendo que os alunos analfabetos ocupariam os primeiros bancos, seguido dos que já dominassem alguns fundamentos de leitura e escrita e, ao fundo os alfabetizados, inclusive nas classes mistas, em que bastava separar os dois sexos.

Figura 1: Sala de aula do Método Português

Fonte: Segunda Edição do Método (1853).

Na organização dos espaços na sala de aula, os bancos em vez de serem colocados em paralelo à parede ocupada pelo professor, poderiam ser dispostos na largura da sala de dois a dois, formando um ângulo obtuso, pelo menos reto, com a abertura para a frente do professor. À frente da sala, clara e ventilada, ficaria um estrado, para a carteira e assento do professor, de modo que tivesse uma visão geral de todos os discípulos, tendo de lado, o “engenhoso mississipi⁵ ou leitura contínua” (CASTILHO, 1854a, p. 2). No lado oposto, o quadro-negro para escrita com giz e, na parede, os quadros do alfabeto pelo Método Português que depois de sabido, deveriam ficar pendurados por sua ordem na parede da escola: é um ornato e ao mesmo tempo uma lição permanente, que não deixa[ria] esquecer o aprendido” (MÉTODO, 1909, p. 37) e um contador, um compassador mecânico e um campanário para o controle do som das palavras emitidas pelos alunos como se dispõe nas próximas figuras:

Figura 2 a 5: Contador, distribuição do mobiliário da Sala de Aula, compassador e quadros do alfabeto.

Fontes: Método Castilho (2ª e 4ª edições)

5 Este aparelho foi criado por Smith, cenógrafo americano que o apresentou em 1851 no Teatro de São Sebastião em Lisboa; consistia em um aparelho em forma de cilindro colocado no fundo do palco que ao se desenrolar, dava a ilusão de uma viagem ao longo do rio americano Mississippi. Esse objeto foi adotado por Castilho para a leitura contínua (Nota apresentada na 5ª Edição do Método Castilho (1909).

Mas o que vinha a ser um Mississípi? De acordo com Castilho, este artefato escolar consistia em uma:

Máquina extremamente simples, consistindo em dois cilindros ou rolos dispostos vertical ou horizontal dentro de um caixilho de madeira e que giram com manivelas de ferro ou pau, cada uma a uma extremidade que na extremidade do eixo de cada um dos cilindros, ficando por consequência as manivelas pela parte de fora dos caixilhos [...]. Num desses cilindros se enrola uma tela de papel composta de folhas pegadas pela horda uma as outras e onde o professor escreve ou manda escrever tudo aliás haveria de estar sempre escrevendo, apagando e refazendo no quadro preto para ser lido pela classe. O Mississípi representa, portanto, uma economia de tempo não pequeno (DIRETÓRIO, 1854, p, 9-10).

Segundo Martins (1854, p. 2), na falta desse instrumento, o Mississipi, serviria umas rodas, como as dos carrinhos, mas largas, em que fossem colocadas tiras de papel longas com as letras do alfabeto, os algarismos e os sinais de pontuação, “enviadas estas rodas em número de vinte, trinta ou mais sobre um eixo em que girassem como os cadeados”. Se as aulas funcionassem a noite ou quando não houvesse iluminação adequada, poderiam ser distribuídos pela sala lampiões e candeeiros, como requer o professor Jacinto Ferreira Junior, à Sociedade das Letras e Artes. (CARTA, 1862). Mas, não havendo meios das escolas disporem deste instrumento e do compensador mecânico, poderiam ser dispensados como recomenda na quarta edição do Método Português.

Esse material distribuído no espaço da sala de aula, favoreceria a aplicação do Método Português, de modo que o processo de leitura e escrita ocorresse de forma rápida e aprazível. Para tanto, o mobiliário, de acordo com Castilho, não era mais caro que os adotados nas “escolas antigas”, bem como outros objetos entre quadros e bancos, esponja, e giz, tinteiros, e ardósias, etc.

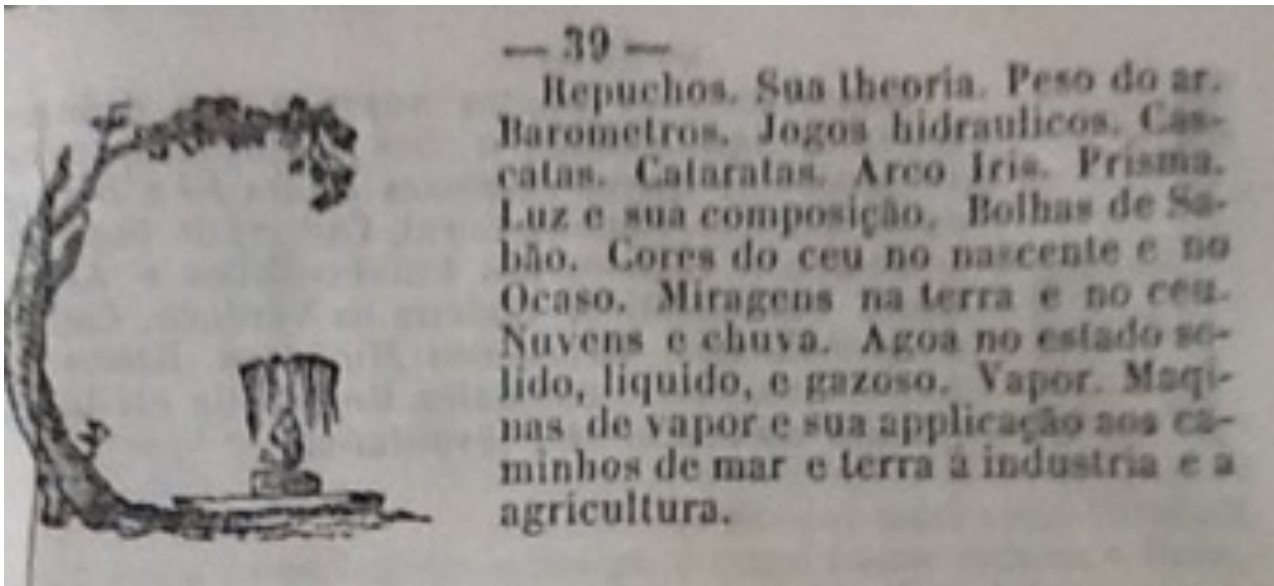
Nesse sentido, afirma Boto (2012, p.65), afirma que o método de Castilho

Era um novo rosto que se desejava para a situação escolar. A modificação pretendida visava sobretudo a institucionalização do modo simultâneo, até então praticamente inexistente. Os bancos estariam dispostos [de] dois a dois, todos voltados para o quadro-negro, que ficaria em frente da mesa do professor [...] A sala de aula de uma classe de leitura repentina contaria, ainda, para ficar completa, com giz, esponja, (ou pano para apagar), vara para apontar, coleção de estampas com figuras das letras, estantes armadas com os quadros do alfabeto, um exemplar do livro do método para o professor, ‘uma ardósia para cada discípulo, como a competente pena de pedra, lápis ou gesseto’” (grifo nosso).

Nesse ambiente adequadamente equipado com todos os recursos, arejado e cômodo, os alunos iniciavam-se no processo inicial da leitura e da escrita, sob a orientação de um professor capacitado para aplicar dito método, que começava pelas letras e palavras indicadas no quadro-negro ou no Mississipi, as quais, “marca[va] por uma seta bem visível, [o lugar] por onde [cada] letra se começa a fazer” (DIRETÓRIO, 1854, p.114) e, em seguida, transcreviam nas ardósias com o uso do lápis, tanto as letras maiúsculas e minúsculas, como as manuscritas, e em coro, repetiriam as figuras das letras com que se escrevia a palavra e assim conseqüentemente: “O mestre começa[va] desde logo a girar entre eles, ensinando-lhes a pegar na pena, a terem os braços, corpo e cabeça na dita posição, vigiando que não perturb[ass]em uns aos outros, apontando cada erro ou erros, que na[s] escrita[s] cometera[m]” (DIRETÓRIO, p. 116), e depois que fossem capazes de perceberem seus erros na ardósia, lhes seria dado um papel-vidro. Assim, de forma lúdica, com marchas, cantos e palmas, os alunos fixariam na memória as letras do alfabeto representadas em forma de figuras.

Cada desenho não representava apenas determinada letra; havia também certa história graciosa que lhe estava ligada, destinada a fazer lembrar, à criança, a leitura da respectiva letra. No caso do G, para servir de exemplo, a lembrança era de que a água, ao sair muito suavemente do repuxo, emitia o som ge. Quando o mestre apresentava o quadro com a letra, o aluno dizia ge, e também diz ge, se o metre em vez do quadro, pronunciava a palavra repuxo. Assim, [...] cada uma daquelas palavras correspondia, segundo o código mencionado, a cada uma das cinco letras da palavra (CARVALHO, 1996, p. 583)

Figura 5: Letras e historietas relacionadas



Fonte: Método Castilho (3ª Edição - 1853)

Mas o que era esse artefato papel-vidro adotado no Método Português e como era usado pelos alunos? Nos explica Castilho:

Papel vidro se chama um quadro, que pode ser de pinho sem pintura e do tamanho de um 4º ou pouco mais de papel ordinário, com um vidro metido, como se usa nos painéis, mas pela face externa todo fosco por igual. Por traz do vidro há uma taboinha delgada, ou papelão forte, preso por uma charneira de couro a uma das molduras e uma tramelinha presa na moldura oposta. Levanta-se esta taboinha, assenta-se sobre o vidro um translado de bom character, com a letra voltada para o mesmo vidro; a taboinha fecha-se, com o que, entre ela e o vidro, o translado fica justo e apertado. O estudante cobre com o lápis, uma a uma, no vidro as letras que debaixo do vidro lhe transparecem (DIRETÓRIO, 1854, p.117).

Depois desse processo, os alunos iam adquirindo habilidades de leitura e de escrita, quando lhes eram distribuídos exemplares do método português, na parte referente aos contos e poesias para lerem simultaneamente, em coro (MÉTODO, 1909, p. 105). Para facilitar a leitura, na quarta edição do Método Português, os contos e os valores da obra foram reduzidos, de modo a facilitar a leitura e a aquisição por compra. Além da leitura por esta obra, Castilho, recomendava os livros Ramalhetinhos da Pueria, de Luiz Filipe Leite, com contos traduzidos do francês, impresso em in-oitavo, vendidos a preços populares por 20 reis e aprovados pelo Conselho da Instrução Pública, os quais, que traziam ensinamentos morais, higiênicos e edificantes para formar meninos pobres e morigerados, assim como exercícios de leitura manuscrita do mesmo autor.

Figuras 6 e 7: Livros recomendados por Castilho



Fonte: Acervo do Museu João de Deus

Estes livros atendiam aos requisitos indicados por Castilho, eram de leitura breve e com maior clareza:

[...] verdade; exacção, dedução; sistema, vernaculidade na frase; elegância sem afeição, e lhaneza sem ignobilidade no estilo; mnemonização de bons quilates, quanta couber; e quanto possível for uma fórmula acomodável aos trabalhos analíticos do Método português” bem feitos, ornados e sedutores, ‘sobretudo pela barateza’ (DIRETÓRIO, 1854, p. 66).

Apesar da barateza alegada das alfaias precisas para a abertura do Método português alegadas por Castilho, em algumas localidades de Portugal, os professores não tinham meios para adquiri-las, como o professor Eduardo Augusto Villar Coelho, da Vila de Satarém, que em ofício encaminhado à Comissão da Instrução Pública pelo Método Português, solicitara um

[...] uma casa para a aula e de todos os utensílios necessários como luzes, bancos e bancas, etc. Felitar-me-ei muito quando esta minha proposta [enviada à Câmara Municipal] não seja aceita, que ao menos desperte em algum dos filhos da terra, o desejo de a fazer mais vantajosa poupando à Câmara estas mesmas poucas despesas, o que eu não faço. Como V. Sa. sabe, vivo apenas do meu pequeno ordenado de emprego Público (COMISSÃO GERAL, 1853).

De igual modo, requer o professor José Paulo Pimenta de Alhos Vedros, em carta enviada a essa Comissão, os seguintes materiais (COMISSÃO, 1853, p.2) conforme o quadro abaixo:

Quadro 2: Conta das despesas com os materiais indispensáveis para a Escola pelo Método Português (1853)

MATERIAIS	VALOR
Quadro Preto e Mississípi	3\$000
Quadros do Alfabeto em grande e de escrita	3\$200
Dicionário	2\$400
Placas	\$ 480
Estante	1\$600
Total	10\$680

Fonte: Diário do Governo, Lisboa, n. 294, de 14 de dezembro de 1853

Dentre as críticas ao Método Português, uma das mais recorrentes, tanto em Portugal como no Brasil, era o custo elevado dos objetos para o uso cotidiano na sala de aula, rebatendo Castilho a seus “impugnadores”, (aqueles que desconheciam o valor e a superioridade deste método em relação aos métodos antigos), que quando se tratava da instrução primária, todo o dispêndio financeiro era sempre um benefício, um símbolo de progresso e de civilidade. Afirmando, ainda que, a luz, requisito fundamental para as salas de aulas, nada custava, os afetos, a alegria, a música e os movimentos eram atos gratuitos e inerentes as crianças; fora isso, “O restante que se tem de comprar é pouquíssimo e de baixo valor” (CASTILHO, 1854, p.15).

Em documento elaborado pela Associação dos Professores do Reino e das Ilhas, em resposta à inquirição de Castilho, sobre a comparação entre o Método Português e os Métodos antigos, a Comissão criada para responder, afirmar que para a sua aplicação, a escola deveria dispor de um espaço adequado, de preferência afastada das residências, pelo barulho causado pelo canto, que poderiam se converter em gritaria das crianças e, se fossem suaves “não deixar[ia], contudo de as tornar afeminadas e “predispostas ao ócio e [à] moleza” (ASSOCIAÇÃO, 1856, p. 17-18), além do que, pelo método antigo, os dispêndios financeiros com os livros e outros objetos escolares eram bem mais satisfatórios e viáveis que pelo Método Português, ao que Castilho rebate afirmando que:

Mas, que admira, que se nos oponha essa miserável objeção, se o valor do ler, escrever e contar, é ainda tão mal conhecido, que muitos Municípios nem casa tem para as suas escolas; outros, tem-na, mas coadas do centro, mal telhadas, terreas, lamacentas, nem bancos, sem claridade, sem nada! (AJUSTE DE CONTAS, 1854, p.74)

No Brasil, o debate não foi diferente de Portugal, em que alguns professores, reconhecendo a vantagem do método Castilho em relação a outros adotados, apontavam as dificuldades para sua adoção, pela quantidade de materiais requeridos, como os solicitados pelo professor José Francisco Soares da província de Alagoas para as suas aulas.

Quadro 3: Materiais para as aulas do Método Castilho na Província de Alagoas

Ordem	Materiais	Quant
1	Mississippi de leitura;	01
2	Quadro preto, para escrever com giz	01
3	Quadros e cujos modelos já existem anexos aos compêndios	44
4	Caxilhas de madeira para se colocarem os quadros acima, a serem pregados à parede d’aula	44
5	Grande campanário à imitação de um pequeno que existe	01
6	Edições de traslados	02
7	Ardósias	-----
8	Exemplares das lições do manuscrito corrigidas do Método pelo professor Gentil da Bahia;	200
9	Exemplares das regras e exercicios	200
10	Tinteiro para mesa do professor	01
11	Armário para guardar os objetos d’aula	01
12	Compassador	01
13	Pequena varinha, para apontar	01
14	Giz e esponja	-
15	Cadeira de braço	01
16	Mesa para substituir a que existe.	01

Fonte: Albuquerque e Boto (2018)

Esta lista aponta a quantidade de objetos precisos para a adoção do método-Castilho, o que certamente não facilitava a sua aplicação em diversas províncias brasileiras, enquanto outros métodos requeriam uma menor quantidade de artefatos para sua operacionalização com os alunos, por exemplo, ardósias, livros e lápis assim como para os professores, livro, mesa, quadro e cadeiras, segundo os professores Gentil Ibirapitanga (da Bahia), Joaquim Frederico da Costa Rubim (do Ceará) e J. R. Couceiro (do Pará). Entretanto, o professor José Martins Pereira de Alencastre da província do Piauí, ao descrever a importância em adotá-lo, mesmo que o custo com mobiliários e outros materiais fossem altos, os resultados na aprendizagem dos alunos justificaria todas as despesas (ALENCASTRE, 1860, p. 2).

Nessa lógica, no relatório do Conselho Interino do Governo da Bahia, (1854, p. 14), é descrito que para generalizar o novo sistema, deveria ser observado que:

A despesa com [o] material das aulas, aluguel de casas, impressão e compra dos compêndios e catecismos [...]. Se a princípio essa verba era quase nula ou desconhecida, hoje que se reconhece que para uma conveniente aplicação deste método de ensino são mister não só a casa e mobília apropriados como também compêndio e uniformes, necessitamos prover as coisas de modo que esse ramo do serviço não absorva os demais, [e que] por falta de meios se torne menos profícuos (RELATÓRIO, 1854, p. 14).

Apesar de todas as críticas relativas ao Método Português, tanto em Portugal como no Brasil, corroboramos com Boto (2012, p. 51), quando diz que:

[...] caberia mesmo dizer que se pode ser contra ou a favor de Castilho na educação portuguesa [ou brasileira]. Entretanto, jamais se permitirá passar sem sua referência. Castilho traria visivelmente o tema da metodologia de ensino, transformando-o irreduzivelmente no epicentro de sua reflexão.

Nesse sentido, António Feliciano de Castilho deveria ser, a nosso entender, uma referência relevante em diferentes trabalhos no Brasil e em Portugal, quando tratam dos processos de leitura, da alfabetização e dos métodos de ensino, etc, no Oitocentos, na medida em que, apresentava uma proposta, que se contrapunha aos modelos de ensino em voga, e se “ Portugal [e o Brasil fossem países] de intercâmbio[s] internaciona[is], e se portugueses [e brasileiros] soubesse fazer justiça e apreciar as obras de educação, António Felicino de Castilho figuraria em todos os trabalhos da Pedagogia [...] como um dos melhores doutrinadores do seu tempo” (LIMA, 1936, p. 871); por outro lado, uma referência para o campo da História da Educação em ambos países, em especial, no período de 1850 a 1860, quando da maior circulação e adoção do Método Português, já que, nos traz um modelo de escola, uma prática docente, um modo inicial de leitura e de escrita; isto é, de alfabetização que ainda, estamos (no caso do Brasil) a tentar alcançar no presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazermos o debate sobre a cultura material escolar, tendo como objeto e fonte o pensamento educacional de António Feliciano de Castilho, como um intelectual do Oitocentos, nos ajudou a pensar como em tempos e países diversos - Portugal e Brasil- os utensílios e os espaços contribuíram com o processo de ensino e de aprendizagem e, de como se estabeleceram dinâmicas nas escritas das trajetórias individuais e coletivas dos professores e alunos.

António Feliciano de Castilho, ao propor o Método português, estabelece um conjunto de artefatos úteis e necessários para a sua adoção e espaços específicos para que professores e alunos pudessem aprender a ler, escrever e bem falar, de forma rápida e aprazível. Entretanto, esse “método novo” enfrentara objeções e críticas em ambos países, como sendo plágio e ter simplificado a ortografia, de ter promovido barulhos e de requer uma variedade de objetos de elevado valor para as instituições, os professores e os governos, além de edifícios adequados para a sua execução. Não entanto, apesar das contravenções e oposições, o Método Português para o ensino inicial da leitura e da escrita, alcançou uma ampla repercussão (seja positiva e/ou negativa) em Portugal (continente e ilhas), como também em várias provinciais brasileiras, o que nos permite compreender a circulação e o uso do mesmo, assim como tecer uma cartografia da transposição de ideais, e das relações/tensões no campo da instrução e da educação entre duas realidades distintas

As alfaías sugeridas por Castilho evidenciam que a aplicação de um método de ensino, as práticas pedagógicas, educativas e escolares e a transmissão de saberes por si só não garantem uma aprendizagem e uma ação docente capaz de alfabetizar, formar pequenos leitores em práticas de leituras iniciais, e garantir uma permanência/continuidade nos estudos; ao contrário, é preciso que espaços, mobiliários, impressos e outros objetos se façam presentes, de modo a tornar e formar pessoas capazes de ver e ter a escola como um local de pertença e de um saber escolarização transformado em conhecimento.

Por fim, entender o Método Português de Castilho para o ensino inicial da leitura no contexto brasileiro e português é, sem dúvidas, uma possibilidade de revisitarmos e ampliarmos os debates sobre a História da Educação e a História da Alfabetização e, de verificar como estes campos são férteis e ricos em abordagens e práticas; ao mesmo tempo, entendermos que os modelos e as formas de ensino não obedecem as fronteiras nem mesmo os limites de tempos e lugares, uma vez que se fazem globais e adaptáveis a características nacionais e regionais como ocorreu com a adoção do Método Castilho em Portugal e no Brasil.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO dos professores do reino e ilhas. Instrução Pública- resposta ao Sr. A. F. de Castilho acerca do Método Português. Lisboa: Tipografia do Silva. 43p.

ALBUQUERQUE, Suzana Lopes de. *Métodos de ensino de leitura no Império brasileiro: António Feliciano de Castilho e Joseph Jacotot*. Tese (Faculdade de Educação) - Universidade de São Paulo, 2019.

ALENCASTRE, José Martins P. de. O método de Castilho. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 12 jul. 1854.

ALVES, Ida; CUNHA, Eduardo. *Para não esquecer Castilho: cultura literária no oitocentos*. Niterói: Editora da UFF, 2014

BOTO, Carlota. *A escola primária como rito de passagem: ler, escrever, contar e se comportar*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

CARTA do Jacinto Ferreira Junior enviada a Sociedade dos Amigos das Letras e Artes de São Miguel. [Manuscrito]. Biblioteca e Arquivo Público de Ponta Delgada, 1862. Pasta 23.

CASTILHO, António Feliciano de. *Diretório para os senhores professores das escolas primárias pelo Metodo Portuguez*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1854.

CASTILHO, António Feliciano de. *Metodo Português Castilho para o ensino do do ler e escrever*. 3 ed. Lisboa: Imprensa de Lucas Evangelista, 1853b. 112p.

- CASTILHO, António Feliciano de. *Método Castilho para o ensino rápido e aprazível do ler impresso, manuscrito e numeração e do escrever*. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1853^a. 317p.
- CASTILHO, António Feliciano de. *Leitura repentina para em poucas lições se ensinar a ler com recreação de mestres e discípulos*: Lisboa: Tipografia da Revista Universal Lisboense, 1850.
- CASTILHO, António Feliciano de. *Felicidade pela instrução*. Lisboa: Tipografia da Academia Real de Ciências de Lisboa, 1854. 95 p.
- CASTILHO, António Feliciano de. *Método- Português Castilho para o ensino rápido e aprazível do ler, escreve e bem falar*. 5. ed. Lisboa: Empresa da História de Portugal, 1909. 299p.
- CASTILHO, António Feliciano de. *Ajuste de contas com os adversários do Método Português*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1854a.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, v. 5, n. 11, p. 173-191, abril de 1991.
- COELHO, J. Augusto. *O ensino inicial de leitura: princípios fundamentias, suas aplicações ou Método Português de Castilho e a Cartilha Maternal de João de Deus*. Lisboa: Imprensa Lucas, 1898. 97p.
- COMISSÃO Geral da Instrução Pública. *Diário do Governo*, Lisboa n. 294, 14 dez. 1853.
- CORDEIRO, Jaime. Educação e reformismo político na crise do regime imperial: O Ensino Público, de A. de Almeida Oliveira. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 17, n. 35, p. 346-371, set./dez. 2016.
- CRUZ, Eduardo da. Castilho e a empresa revista universal lisbonense. *Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação*. Blumenau, v. 11, n. 1, p. 161-180, jan./abr. 2017
- CUNHA, Ana Cristina Comandulli da. *Presença de A.F. de Castilho nas letras oitocentistas portuguesas: sociabilidades e difusão da escrita feminina. Tese* (Instituto de Letras) - Universidade Federal Fluminense, 2014.
- DEUSDDO, Ferreira. *Educadores portugueses*. Porto: Lello & Irmãos, 1995.
- DIRETÓRIO para os senhores professores das escolas primárias pelo Método Português. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1854. 54p.
- ENCICLOPÉDEA EUNALDI. *Homo-domesticação-cultura material*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1989.
- ESCOLANO BENITO, Agustín. *A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia*. Campinas: Alínea, 2017.
- ESCOLANO BENITO, Agustín. *Educação & Emoções: a construção histórica da educação emocional*. Campinas: Mercado de Letras, 2021.
- FERREIRA, Ernesto. *Os três patriarcas do romantismo português nos Açores*. Ponta Delgada, [s.n], 1947.
- JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, n.1 jan./jun. 2001.
- LAWN, Martin; GROSVENOR, Ian. When in doubt, preserve: exploring the traces of teaching and material culture in English schools. *History of Education*, v. 30, n. 2, p.117-127, 2001.
- LIMA, Adolfo. António Feliciano de Castilho. In: *Enciclopédia Pedagógica Progredir*. Porto: [s.n], 1923,
- MAGALHÃES, Justino. António Feliciano de Castilho. In: NÓVOA, António. *Dicionário de Educadores Portugueses*. Lisboa: ASA, 2002, p.311-316.
- MARTINS, João Vicente. *Cartilha de leitura repentina ou plágio do Método Castilho*. Rio de Janeiro: Tipografia da Viúva Viana Junior, 1854.
- MEDA, Juri. A história material da escola como fator de desenvolvimento da pesquisahistórico-educativa na Itália. *Revista Linhas*, v. 16, n. 30, p. 7-28, 2015.
- O MÉTODO Castilho. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 20 set. 1860.

- RELATÓRIO do Conselho Interino do Governo da Bahia. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro 15 de maio de 1860.
- RILEY, Carlos Guilherme. António Feliciano de Castilho na ilha de São Miguel (1847-1850). Actas do 2º Colóquio “Saudade Perpétua”
- PAIS, Carlos Castilho. *Coimbra no tempo de António Feliciano de Castilho*. Coimbra: Quinteto, 2000. SAMPAIO, Albino Forjaz de. *História da Literatura portuguesa ilustrada dos seculos XIX e XX*. Porto: Livraria Fernando Machado, 1998>
- SILVA, Carlos Manique da. Visão idílica e romântica de escola em António Feliciano de Castilho. *Romanti*, n.º 1, p. 171-182, 2004.
- SILVA, Susana Serpa. Aspectos da vida social e cultural micaelense na segunda metade do século XIX. *Arquipélago- História*, 2 serie. v.4, n. 2, p. 299-348, 2000.
- SOUZA, Rosa Fatima de. Historia da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. BENCOSTA, Marcus Levy (Org.). *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 163-187
- VIDAL, Diana Gonçalves. História da Educação como Arqueologia: cultura material escolar e escolarização. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 18, n. 36, p. 251-272, jan./abr. 2017
- VIEIRA, Zeneide Paiva Pereira. *Cartilhas de alfabetização no Brasil: um estudo sobre trajetória e memória de ensino e aprendizagem da língua escrita*. Tese (Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2017, 197 f.
- VILLELA, Heloisa de O. S; CHAGAS, Renata Rodrigues, DIAS, Mônica Oliveira *Rotas Atlânticas: um poeta português, um professor baiano, destinos cruzados no Rio de Janeiro do século XIX*, II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial. Disponível: http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii_pdf/Heloisa_Villela_Renata_Chagas_Monica_Dias.pdf. Acesso em 28 ago. 2021.

Recebido em: 01/11/2022

Aceito em: 26/11/2022